

Existências conjuntas e processos instaurativos na quimbanda do norte de Minas

Gerais¹

Taísa Domiciano Castanha
(Pós-Afro/UFBA)

Resumo: O texto parte da ideia de instauração presente na obra de Souriau (2015) e Latour (2019). Argumenta-se que na quimbanda e na umbanda há formas de existir-junto, onde seres e pessoas se fazem através de trajetórias emaranhadas. Busca-se discutir que os seres, quer sejam humanos ou entidades, não são prontos antes da relação: eles se fazem na relação, no processo de instauração e não são fechados em si mesmos. Através do trabalho de campo realizado entre 2019 e 2020 no “Centro Espírita Estrela do Oriente”, terreiro localizado no norte de Minas Gerais, pretendo apresentar as entidades da umbanda e da quimbanda se fazendo em trajetórias conjuntas, sendo a própria construção do terreiro derivada de um processo instaurativo. Nesse processo de construção do terreiro, que se iniciou na década de 1950, Chico Preto, o pai-de-santo fundador, fez experimentos, lidou com o erro e com a hesitação e se engajou para decifrar as vontades das forças e entidades que residiam naquele local. Finalizo o texto refletindo sobre os limites dessas existências conjuntas, salientando que há um modo de engajamento no qual o dom, os procedimentos de iniciação e a convivência com os mais velhos e com as entidades são essenciais.

Palavras-chave: Existências conjuntas; quimbanda; entidades.

Introdução: sobre os modos de existência e processos instaurativos

O filósofo Etienne Souriau, na década de 1940 na França, apontou para o caráter inacabado de todas as coisas. No intervalo entre o ser e o não ser, Souriau vê uma enorme variedade de modos de existência se fazendo. A ideia de instauração, proposta por Souriau (2015) e retomada por Bruno Latour (2019), remete à experiência do fazer, sendo que os seres que povoam o universo, cada um com seu modo de existência, precisam ser feitos, instaurados, em uma trajetória que se faz através de outros. Tal como escrevem Latour e Stengers (2015, p. 21) sobre o livro de Souriau: “Tudo é esboço; tudo pede realização: a

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024)

mera percepção, mas também a vida interior, a sociedade. O mundo dos esboços espera que nós o retomemos sem nada nos prometer e nada nos ditar”.

Central na ideia do processo instaurativo é o fato de que a existência dos seres precisa passar por outros para se concretizar. Assim, seguindo as ideias de Souriau (2015), nesse mundo de esboços, há dois planos de existência, ou melhor, um mesmo plano de existência duplicado em si mesmo: uma *existência virtual*, enigmática e distante, onde os seres existem numa espécie de “penumbra”; e uma *existência concreta*, enquanto atualização dos modos de existência virtuais. Para que um modo de existência deixe o seu estado de virtualidade para a concretude, é necessário, assim, um *processo instaurativo*.

Souriau recorre a imagem do artista produzindo uma obra para tratar da instauração. Durante o processo instaurativo, destaca a agência da própria obra, que “ainda não feita se impõe como uma urgência existencial” (2015, p. 63). Para ele, o procedimento instaurativo é como um drama composto de três personagens: a obra a se fazer (ainda em estado virtual, numa espécie de limbo); a obra no modo de presença concreta; e por fim, o artesão, instaurador, que procura realizar a eclosão do ser que ele tomou sob sua responsabilidade. O tom artístico do processo instaurativo, bem como o apelo da obra para sua existência e a responsabilidade do artesão, são guias para o pensamento de Souriau:

O ser em eclosão reclama sua própria existência. Diante disso, só resta ao agente se inclinar diante da vontade própria da obra, decifrar essa vontade, abnegar a si mesmo em favor desse ser autônomo que ele procura promover segundo seu próprio direito à existência. Nada é mais importante em todas as formas de criação que essa abnegação do sujeito criador em relação à obra a fazer (2015, p. 10).

Recuperando outros modos de existência, Latour (2019) tem como questão central o fato de que um ser não é definido pela sua essência ou substância, mas pelos hiatos e discontinuidades de suas trajetórias, que invariavelmente envolve “ser-como-outro”. Nesse sentido, seres se fazem passando por trajetórias envoltas por mediações, transformações, traduções e comunicações, formando associações em redes (ratificando e ampliando sua perspectiva de “interdependência” presente na teoria do ator-rede). Portanto, para existir, os seres precisam passar por outros seres, em trajetórias de instauração.

Assim, rapidamente expostas as ideias de Souriau (2015) e Latour (2019), bem como a noção de instauração, discuto que na quimbanda e na umbanda há formas de existir-junto, onde seres e pessoas se fazem através de trajetórias emaranhadas. Quero argumentar que os seres, quer sejam humanos ou entidades, não são prontos antes da relação: eles se fazem na relação e não são fechados em si mesmos. Com base no trabalho de campo realizado entre 2019 e 2020 no “Centro Espírita Estrela do Oriente”, terreiro localizado no norte de Minas Gerais, na cidade de Montes Claros, pretendo apresentar as entidades da umbanda e da quimbanda se fazendo em trajetórias conjuntas: o boiadeiro Estrela do Oriente que é cruzado com Exu e abriga em sua casa, no ponto mais alto, Xangô; o escora Palha Seca, que para festejar, precisa de um egum para vigiar a casa; além da própria a construção do terreiro como um processo instaurativo, sendo Chico Preto, o fundador do terreiro, o artesão instaurador de outros modos de existência. Nesse processo de instauração de outros modos de existência, Chico Preto teve que negociar com variadas entidades, realizar buscas e testes, os quais não foram isentos de hesitação, ambiguidade e descontinuidade, próprios dos processos instaurativos. Termino o texto refletindo sobre os limites dessas existências conjuntas.

A fundação do terreiro de Chico Preto

Chico Preto (1935-1993) foi um pai-de-santo, nascido no interior do norte de Minas Gerais, na cidade de Manga, banhada pelo rio São Francisco. Desde a infância, Chico Preto carregava sinais de mediunidade e se relacionava com variadas entidades do mundo espiritual, operando pequenos milagres e curas através de benzeções e garrafadas. Na época da infância de Chico Preto, o rio São Francisco exercia um papel relevante para a integração nacional, transportando grande número de mercadorias e pessoas através da navegação. Devido a isso, muitos passageiros, aproveitando a parada dos barcos e vapores na cidade de Manga, procuravam auxílio para as doenças que lhes afligiam durante a viagem, como dor de dente, dor de barriga, enjoo, gripe, febre, etc. Chico Preto, então, começou a atender esses viajantes e pessoas da cidade, sendo extremamente repreendido pelo seu pai, que não acreditava no dom de seu filho.

Antes de completar 15 anos, ainda muito jovem, Chico Preto saiu de sua cidade natal e migrou para São Paulo, considerado o estado do “progresso”. Depois de um tempo trabalhando em uma fábrica de algodão em Araçatuba, ele se mudou para o estado da

Bahia, onde de fato, consolidou sua trajetória religiosa, divididos entre a cidade de Nazaré das Farinhas e Cachoeira de São Felix. Na Bahia, Chico Preto foi preparado na umbanda, na quimbanda e na magia negra por uma mulher chamada Cecília Capeta². Em fins da década de 1950, Chico Preto voltou ao norte de Minas, estabelecendo-se em Montes Claros e dando continuidade às suas práticas religiosas desenvolvidas na Bahia.

Alocado em um pequeno quarto no bairro Antônio Pimenta – um bairro periférico e bem próximo ao principal cemitério da cidade de Montes Claros – Chico Preto passou a atender algumas pessoas na sua pequena residência, e também a tocar umbanda e quimbanda. Com pouco tempo, a fama do pai-de-santo cresceu na cidade, bem como as suas entidades também ficaram conhecidas, principalmente pelas suas curas. Se destacam nesse contexto algumas entidades de Chico Preto³, sendo uma delas o boiadeiro Estrela do Oriente. Em retribuição a uma cura feita pelo o boiadeiro Estrela do Oriente a um homem de muitas posses, essa entidade recebeu um amplo lote perto da casa de Chico Preto, no mesmo bairro, para que as atividades religiosas tivessem um local mais apropriado.

Nesse lote doado ao boiadeiro, com mais de mil metros quadrados, foi construído o “Centro Espírita Estrela do Oriente”, assim nomeado em uma explícita homenagem ao boiadeiro Estrela do Oriente. A construção se iniciou em fins da década de 1950, e até hoje o terreiro está em funcionamento no mesmo local, sendo dirigido não mais por Chico Preto – que faleceu em 1993 – e sim por dona Rosa, sua sobrinha biológica e filha-de-santo e por Pássaro Preto, filho-de-santo de dona Rosa. O terreiro é um dos mais antigos da cidade que está em funcionamento, contando com mais de 65 anos de história. Realizei trabalho de campo junto a dona Rosa e a Pássaro Preto, no “Centro Espírita Estrela do

² Apesar de haver relatos sobre esse histórico religioso-familiar de Chico Preto na Bahia, o vínculo com terreiros baianos e, em especial, com a casa de Cecília Capeta, não foi conservado.

³ Dona Rosa, sucessora de Chico Preto e atual dirigente do terreiro, cita uma passagem de um parto feito pelo Exu Veludo do antigo pai-de-santo: “Quando ele [Chico Preto] chegou aqui em Montes Claros, ele foi morar ali na rua Santa Efigênia, lá perto de nós, e não tinha nem uma cama pra deitar. Aí a fama dele começou, que ele morava no quartinho, e tinha uma mulher grávida, e esse menino não nascia, essa mulher com o menino passou o tempo de nascer. Aí a finada Joaquina viu Chico Preto benzendo alguém, e falou com a mulher: “tem um moço ali que benze, vai lá pra ele benzer você. Esse menino seu, só sentindo dor e não nasce”. Aí quando chegou lá, ele falou com a mulher assim: “vem aqui de noite que eu vou trabalhar pra você porque seu parto tá amarrado.” Aí a mulher foi. Chegando lá Chico Preto recebeu Exu Veludo, pediu um lençol branco, jogou em cima da mulher e fez o parto. Ele incorporou com Exu Veludo e Exu Veludo veio e mandou a mulher deitar, e jogou um lençol branco em cima dela e ela ganhou neném. Tava amarrado” (Dona Rosa, entrevista, 15 de março de 2020).

Oriente”, entre os anos de 2019 e 2020, para produção da tese de doutorado em estudos étnicos e africanos, e mantenho relações com eles até os dias atuais.

Devido ao processo de doação do lote do terreiro, para meus interlocutores, o proprietário daquele lugar é o boiadeiro Estrela do Oriente. Por isso, no centro do salão de umbanda há uma grande estrela pintada no chão, indicando que o boiadeiro Estrela do Oriente é o dono daquele solo. Porém, mesmo sendo o proprietário daquele lugar, o boiadeiro Estrela do Oriente não trabalhou sozinho e teve uma extensa rede de relações com outras entidades.



Figura 1 – Salão de umbanda do “Centro Espírita Estrela do Oriente”. Repare-se no centro do salão, a estrela em homenagem ao boiadeiro Estrela do Oriente. Foto tirada por mim, 2019.

Vários foram os adjetivos usados pelos meus interlocutores para falar dessas relações entre as entidades no mundo espiritual: “cruzadas”, “combinadas”, “parceiras”, “que se comunicam”. Assim, no mundo espiritual da quimbanda e da umbanda, as entidades estão interligadas de algumas formas. A primeira dessas entidades que se relacionou com o boiadeiro Estrela do Oriente foi exu, e meus interlocutores dizem que Estrela do Oriente é “cruzado” com exu. Ser cruzado com exu significa que o boiadeiro trabalha junto com um exu, ou seja, sua agência e sua atuação no mundo se fazem de

forma conjunta, ambos trabalhando juntos e mantendo suas individualidades. Assim Pássaro Preto definiu a relação do Boiadeiro Estrela do Oriente com exu:

P - aqui em Chico Preto o exu é cruzado com o dono da casa, que é o boiadeiro Estrela do Oriente. Só aqui que a gente cruza a umbanda com exu. As outras casas que tocam umbanda não fazem esses cruzamentos de umbanda com exu. Por quê? Porque as outras casas não tocam...

T – mas assim, o cruzamento que você fala é o que?

P – cruza a linha de boiadeiro com a linha de exu

T – então é como se o boiadeiro Estrela do Oriente fosse tipo um boiadeiro e exu também?

P – não, não. Tem um exu que comunica com ele, que é cruzado com ele. Tem o nome do exu que é cruzado com ele, que trabalha na corrente. Dois espíritos distintos (...) a gente faz na festa de preto-velho o sangue real. A gente faz cantando pro dono da casa, pro boiadeiro do Oriente da umbanda, pras linhas de preto-velho, canta pros orixás da casa e canta pros exus também, que a umbanda nossa é cruzada com quatro exus, devido a gente trabalhar com essa alta quimbanda, alta magia, por isso que nós somos Umbandistas Quimbandeiros (Entrevista Pássaro Preto, 19 de novembro de 2019).

Além de sua relação com exu, o boiadeiro Estrela do Oriente tem relações com Xangô, orixá de cabeça de Chico Preto. Se na relação do boiadeiro do Oriente com exu, o que marca é o cruzamento, na relação com o orixá o tom é mais doce e o que caracteriza é o acolhimento dos orixás. Ao falar sobre a história do terreiro de Chico Preto, Pássaro, em entrevista, lembrou que, mesmo a terra pertencendo ao boiadeiro, o ponto mais alto da casa, a cumeeira, pertence ao orixá Xangô. Assim como no corpo de Chico Preto, cujo ponto mais alto, na sua cabeça, era regido pelo orixá Xangô, assim também o é no terreiro, residindo na cumeeira da casa este orixá. Portanto, o boiadeiro acolheu em sua casa o orixá de cabeça de Chico Preto. Pássaro fez um relato emocionado sobre essa relação do boiadeiro do Oriente com Xangô:

Porque eu ainda vou morrer sem saber muita coisa e sem receber todos os espíritos que eu tenho. Por isso que vai ficando...por isso que a linha nossa não despacha nada. Xangô do véio Chico tá lá até hoje... lá no terreiro, o dono do terreiro é boiadeiro Estrela do Oriente. Então a comunheira da casa é Xangô, que é o orixá do velho Chico, e o dono do salão é o boiadeiro do Oriente. A casa, o salão, quem ganhou foi o boiadeiro Estrela do Oriente, a terra mesmo, o homem doou por uma graça que ele recebeu do boiadeiro do velho Chico. Então a casa é do boiadeiro, a casa não é de Xangô, a casa é do boiadeiro do Oriente. Boiadeiro do Oriente que abrigou Xangô, olha que bacana. E Xangô é a comunheira da casa e boiadeiro do Oriente é o dono da casa. É lindo demais (Entrevista Pássaro Preto, 19 de novembro de 2019).

Assim, gostaria de ressaltar aqui a ideia de que a existência das entidades da umbanda e da quimbanda – exus, pombagiras, exus-mirins, caboclos, preto-velhos, escoras, eguns, orixás – se faz existindo com outras entidades. Um modo de relação-com, ou seja, entidades que não trabalham sozinhas e cujas existência estão relacionadas – “cruzadas”, “abrigadas”, “combinadas”, “parceiras” – conforme o vocabulário de meus interlocutores para expressar esse enredamento. Portanto, no terreiro de Chico Preto, Xangô está profundamente ligado ao boiadeiro Estrela do Oriente, pois dele recebeu abrigo, o qual por sua vez, é cruzado com exu. São existências conjuntas que trabalham juntas, sendo elas instauradas por Chico Preto e pela comunidade religiosa naquele terreiro.

A fundação do terreiro de Chico Preto e suas entidades permitem refletir não apenas sobre a relação das pessoas com as entidades da quimbanda e da umbanda, mas também o enredamento entre as próprias entidades enquanto uma forma de existência conjunta de diferentes seres em trajetórias comuns.

O processo de instauração do quarto de magia negra

O chefe de cada casa é um artesão politeísta (BARBOSA NETO, 2012, p. 23).

Neste lote doado para as atividades religiosas de Chico Preto e do boiadeiro Estrela do Oriente não havia nenhuma construção, apenas o lote vazio, com mais de mil metros quadrados. Conforme me disse dona Rosa, o local era conhecido como “vila da poeira”, devido à escassez de chuvas e seca da região⁴. Assim, toda a arquitetura do local, planejamento e execução foi feito pelo antigo pai-de-santo, com auxílio das pessoas e entidades que faziam parte de suas redes de relações.

Paulatinamente, foram erguendo-se os muros e sendo feitas as primeiras construções do terreiro. Para isso, foi tirado material do próprio solo para confecção de tijolos de barro e construção das estruturas, o que ocasionou um grande buraco no meio

⁴ Conforme disse dona Rosa em entrevista: “(...) ali só era poeira. A rua do terreiro ali só era poeira. Chamava Vila da Poeira. E aí a gente começou a panhar água, quando chovia a gente panhava água das barocas, e aí ele [Chico Preto] foi construindo (...) os filhos de santo que fez aquilo, eu nova ainda carregando água na cabeça, todo mundo ajudando. Tem muita gente viva que é testemunha que ajudou lá também (Entrevista dona Rosa, 31 de outubro de 2021).

do terreno. Sem telhado, no período das chuvas, o buraco alagava e formava uma grande poça de água, uma espécie de lago no meio do terreiro. Incerto sobre aquele espaço que ia se formando, Chico Preto teve a ideia de consagrar o lugar em homenagem a Iemanjá, seu segundo orixá de cabeça e de grande importância na umbanda, construindo uma fonte ou um lago em homenagem a sua santa. Para confirmar suas intenções de consagrar o lugar para Iemanjá, Chico Preto decidiu colocar um barco para o orixá. Dona Rosa relata da seguinte maneira:

É porque ali antigamente onde fez o [quarto de] vodum/magia negra lá cavucava pra fazer barro, pra construir o terreiro. Então ficou um buraco. Ficou um buracão. Então quando chovia, enchia de água. Ai a gente não carregava água na cabeça mais [do córrego próximo ao terreiro para a construção]. Ai um dia ele [Chico Preto] falou assim: ‘ah, vou por um barco aqui pra Iemanjá’, arrumou uma gamela e pôs um tanto de coisa, soltou o barco assim e o barco nem saiu do lugar. Ai ele falou: “não, aqui não vou fazer nada pra Iemanjá não”. Ai ele falou assim: “esse ano na quaresma vou dar uma andada por aí e vou ver o que eu faço por aqui”. Ai por onde ele andou ele viu, chegou e fez lá [o quarto de magia negra]. Foi isso (Dona Rosa, entrevista em 21 de novembro de 2021).

Conforme narrado por dona Rosa, Chico Preto fez um balaio para Iemanjá, porém esse orixá não respondeu: “o barco nem saiu do lugar”. A recusa de Iemanjá em aceitar a oferenda aponta algumas questões, sobretudo para a hesitação e imprevisibilidade, que possibilitam novos caminhos de ação e um espaço para negociação que não estava estabelecido, lembrando o que o processo instaurativo, bem como os cursos de ação, estão envoltos a hiatos e descontinuidades. Dessa forma, percebe-se que a instauração do terreiro não segue um projeto pré-definido, cuja criação se dá no vazio (*ex-nihilo*), mas envolve incertezas, oscilações, titubeação, negociações com variadas entidades e “mudanças de planos”, como escrevem Souza e Rabelo (2018):

Pensar a produção da obra como materialização de um projeto é esquecer o percurso incerto, pontuado de encontros e demandas não previstas a exigir do artista compromissos de última hora, mudanças de planos; é ignorar o poder da situação de provocar seus participantes a agir. Tomar o artista como agente principal do processo de criação é esquecer que ele não é sempre ativo – precisa deixar-se conduzir pelas potencialidades do material sobre o qual trabalha – e que tampouco concentra toda a atividade (2018, p. 114).

Vale ressaltar que, não obstante Iemanjá ter recusado habitar o local que posteriormente foi reservado ao quarto de magia negra, ela não recusou a relação com Chico Preto, nem se recusou a habitar o terreiro. Assim, o pai-de-santo fez uma espécie de assentamento, um “local de firmeza” no barracão de umbanda, ao lado direito, para Iemanjá.



Figura 2 – Ponto de firmeza de Iemanjá no “Centro Espírita Estrela do Oriente”, localizado à direita no salão de umbanda. Fonte: acervo do terreiro, data desconhecida.

Com a recusa de Iemanjá em se estabelecer naquele local inicial, Chico Preto teve que andar por vários lugares, pesquisar, refletir, consultar pessoas e entidades sobre o destino daquele buraco no terreiro. Durante a quaresma, ele então fez uma visita ao inferno e de lá veio resoluto: aquele lugar recusado por Iemanjá estava reservado para a linha de magia negra e para as energias do inferno. O buraco feito no centro do terreiro decorrente da construção dos tijolos e recusado por Iemanjá foi drenado e o espaço se transformou, então, no quarto de vodum – também chamado de quarto de magia negra –, onde residem as energias e forças maiores da casa. Esse quarto é a representação espacial e material do inferno, morada de Lucifér, Maioral e Belzebu: subterrâneo, escuro, úmido

e quente. Tem-se acesso a ele através de uma rampa, por onde se desce para o quarto subterrâneo de magia negra⁵.

A linha de magia negra lida com energias extremamente densas, quentes, pesadas e profundas, e devido a essas características, os toques dessa linha ocorrem apenas no período quaresmal e no mês de agosto. Segundo meus interlocutores, Maioral, Lucifér e Belzebu – que formam a santíssima trindade da magia negra⁶ – comandam essa linha, e sob o comando dessas “divindades” estão os seus mensageiros que atuam na terra, as entidades chamadas de “exus de magia negra”. Devido à força e intensidade da santíssima trindade, Maioral, Lucifér e Belzebu raramente se incorporam nos médiuns, pois se assim o fizerem, deixariam sérias consequências no corpo das pessoas – incluindo aí risco de morte⁷. Já os exus de magia negra, por serem entidades e não divindades, se incorporam em seus médiuns, e por suas idiosincrasias, berram como bodes, deixam os pés e mãos dos médiuns retorcidos, são sisudos e misantropos. Por causa de suas particularidades, a linha de magia negra, além de uma temporalidade específica para as suas práticas – o período quaresmal e o mês de agosto – também tem um local específico no terreiro, o quarto de vodum.

Devido às incertezas quanto ao buraco no terreiro, Chico Preto fez uma viagem até o inferno. Essa visita de Chico Preto ao inferno, que lhe rendeu elementos para a construção e acabamento do terreiro de uma forma geral, bem como para o quarto de vodum, foi um momento de grande significância na trajetória do pai-de-santo e foi

⁵No quarto de vodum não é permitido fazer nenhum tipo de filmagem, gravação ou foto.

⁶Pássaro Preto se refere a esse conjunto de energias, as forças maiores da magia negra, como a santíssima trindade: Maioral é o pai, que está no mais alto grau de hierarquia; abaixo dele estão os Lucifér e as pombagiras – das almas, das encruzilhadas, das águas e das matas – e por fim, há Belzebu, que é um príncipe, um menino. Tanto Maioral, os quatro Lucifér e suas companheiras pombagiras (das águas, das matas, da encruzilhada e do cemitério) e Belzebu estão assentados no quarto de vodum.

⁷Nas palavras de dona Rosa e de Pássaro Preto, com a proximidade das energias da linha de magia negra é perigoso o médium “derreter” – daí a interdição radical de mulheres grávidas participarem das giras durante o período quaresmal. Pássaro Preto em entrevista cita a diferença entre as divindades da magia negra (Lucifér, Maioral e Belzebu) e as entidades (os exus de magia negra), ressaltando as consequências corporais dessas aproximações: “Chico Preto incorporou Belzebu uma vez e mãe Rosa incorporou Belzebu uma vez, porque é uma energia que não vem sempre, e eu acho que a pessoa incorpora uma vez só. Eu nunca incorporei Belzebu. Deixa eu te explicar. Quando a gente faz a obrigação nossa, tem gente que recebe Exu que corresponde a Lucifér, [mas] eu recebi Lucifér mesmo. Aí o povo fala, recebeu Lucifér, aquele negócio todo... É uma outra energia. É uma energia tão quente e tão perigosa que se ficar muito tempo no corpo da pessoa, a pessoa desencarna. Mãe Rosa quando foi trabalhar com o [Belzebu] dela, ela tava grávida, e ela não sabia. Ela grávida incorporou e ela teve hemorragia, porque a energia é tão grande que o feto derreteu. Então ela perdeu o neném sem saber que tava grávida, entendeu? É a energia. Então Belzebu pode vir, mas é raríssimo, raríssimo. É uma energia tão incomum que é raríssimo, não é cotidiano não. Velho Chico recebeu uma vez e nunca mais na vida. Porque não é Exu Belzebu não, a gente tá falando de outra energia” (19 de novembro de 2019).

reproduzido para mim algumas vezes no campo. Conforme me relatou Pássaro, através de uma forte corrente espiritual feita em uma encruzilhada pelos antigos médiuns da casa, Chico Preto conseguiu descer até o inferno e chegar às portas deste local. Porém, ele não foi muito bem-sucedido na sua viagem, pois não conseguiu falar com o dono do local (Maioral), sendo recebido apenas pelos porteiros do inferno (os exus de magia negra). Chico Preto, ao chegar no inferno, solicitou uma conversa com o chefe, e recebeu como resposta uma condição estabelecida pelo próprio Maioral para que o pai-de-santo tivesse uma audiência com ele, o chefe supremo do inferno: suportar uma surra de chibata de couro cru. Chico Preto não conseguiu cumprir a condição estabelecida por Maioral. Sofrendo muito com as dores da surra, ele apelou à Nossa Senhora para que o livrasse e o povo do inferno o soltou de volta na encruzilhada. O pouco que viu do inferno, ele representou no salão de quimbanda – um espaço localizado no segundo andar do terreiro separado do quarto de vodum e do salão de umbanda –, sendo os três Exus pintados na parede fruto dessa sua curta estadia “nos quintos”. Coloco aqui o relato em que Pássaro Preto trata com mais detalhes dessa viagem de Chico Preto ao inferno:

P – Chico Preto foi honrado de ter a graça de ir onde eles [os exus] estavam. Apanhou de couro cru lá, voltou...

T – isso tudo em sonho?

P – não, em vida. Os médiuns na encruzilhada, fazendo a firmeza lá, ele disse: “vocês firmam que agora eu vou no inferno” ai ele foi... e isso não é conto, lenda não, isso é coisa séria mesmo que aconteceu. Ele foi nesse plano astral, “inferno” entre aspas né, e ele chegou no portão, tem os vigias, os guardas, e ele falou assim: “eu quero falar com o dono daí”, e o que tava lá, falou assim: “tem mais de 15 anos que eu tô aqui e não consegui falar”. Ai o mensageiro foi lá, falou com o chefe, com a força maior, ai falou: “se ele aguentar, dá nele uma surra de couro cru, aquela chibata de couro cru, se ele aguentar a surra, ele pode vim falar comigo”, ai eles começou a bater nele, os dois, e Chico Preto não aguentou a surra e gritou: “Maria valei-me”, e quando ele gritou eles soltaram ele e ele caiu na encruzilhada, em cima da bicicleta, e todo mundo conta, não é que o povo velho ia inventar essa história pra ganhar ibope, é porque aconteceu. Porque o povo quando faz muita... nós somos energias, a física explica isso, a ciência quântica... ai quando tá todo mundo naquela firmeza e naquela força, tudo acontece, entendeu?

A viagem de Chico Preto ao inferno suscita várias questões, como o risco, o perigo e as consequências sobre o corpo ao lidar com o inferno e com as energias da linha de magia negra. É um evento de provação, que testa a capacidade de Chico Preto de suportar a dor, mas que também coloca em relevo o papel de Maria como intercessora, capaz de

intervir mesmo no inferno, em favor daqueles que lhe pedem auxílio. Porém quero chamar a atenção ao importante papel da assistência e dos filhos de santo nesse episódio, bem como nas práticas da quimbanda de forma geral.

Muito mais que espectadores, aqueles que adentram os terreiros, quer seja enquanto filhos de santo, ou mesmo como “assistência”, influenciam no andamento da reunião. Durante os momentos rituais, chamados de gira, sessão ou reunião, as entidades incorporam apenas naqueles que são médiuns, mas as pessoas que não as recebem em seus corpos não são menos importantes. São mesmo essenciais para “firmar o pensamento” e “segurar a gira”. Nos rituais da quimbanda, é necessário que todos os presentes estejam com o pensamento firme e com “garra”, “firmando”, para que haja energia necessária para os trabalhos. Cardoso e Head (2015) já observaram que, nas festas de exu não há uma divisão clara entre o público e as entidades. Dialogando com as formulações de Brecht sobre o “teatro épico”, os autores citam o papel do público dessas festas, chamados de assistência, os quais não são apenas “audiência” – um público longe, passivo –, mas sim “assistência” – aqueles que prestam algum tipo de ajuda, condizendo com uma posição mais ativa:

O estranhamento é capaz de efetuar um modo de aproximação que não elimina ele mesmo a estranheza das coisas abordadas. Nesse sentido, caracteriza bem o modo como as entidades e as pessoas que vêm à festa, a assistência como são chamados – não uma audiência, mas uma assistência para a presença das entidades –, se relacionam e se misturam sem eliminar as diferenças entre si (2015: 174).

Parece haver unanimidade entre meus interlocutores na avaliação de que hoje as pessoas não têm mais firmeza e força para segurar a gira e criar um campo energético forte suficiente que proporcione, por exemplo, uma visita ao inferno, como fez Chico Preto, ou qualquer outra prática que dependa de muita energia. Diferentemente das festas de candomblé – em que domina uma certa distância entre os orixás e a plateia – e se aproximando das festas de caboclo – nas quais a plateia interage muito mais com as entidades, conforme escreve Sheldon (2020) – acredito que o papel da assistência nas festas e rituais da quimbanda é mais ativo: até mesmo o pensamento das pessoas da assistência pode atrapalhar ou contribuir para a firmeza da casa e para seu campo energético. Nos discursos e nas falas dos exus e das entidades da quimbanda, é reforçado que, para mexer com as coisas de exu, é necessário “firmeza”.

Na experiência instaurativa do terreiro, Chico Preto fez experimentos, lidou com o erro e com a hesitação. No diálogo de Chico Preto com a sua “obra” (o terreiro), ele se engajou para decifrar as vontades das forças e entidades que residiam naquele local de modo virtual, enigmático e distante, para, através do procedimento instaurativo, conduzir o terreiro e suas entidades a uma existência concreta. Nessa instauração também há liberdade por parte de Chico Preto: esse agente instaurador soube esperar, “andou por aí”, tanto de forma material quanto espiritual (como a viagem ao inferno) e depois do contato com os seres de magia negra, construiu o quarto de vodum no subsolo da casa.

Para finalizar, gostaria de chamar atenção que neste mundo inacabado, onde a existência completa dos seres exige uma ação instauradora de outros, coloca-se o tema da responsabilidade. Assim sendo, Chico Preto se tornou responsável pela instauração do terreiro e das entidades, se engajou com elas, atendeu seus pedidos – ou aceitou suas recusas, como no caso de Iemanjá – de modo a explicitar a ambiguidade de se pensar agência na chave da atividade ou passividade, conforme apontado por Souza e Rabelo (2018)⁸. O processo instaurativo do terreiro por Chico Preto aponta para uma das características primordiais do que Latour (2019) chama de modos de existência: um ser passando pela trajetória de outros. Nesse sentido, toda existência é sempre uma trajetória, uma vez que o ser só se realiza passando pelos outros, pela trajetória. Nesse emaranhado de trajetórias, nitidamente a agência está distribuída entre pessoas, coisas, entidades, lugares, ficando redutor e pouco elucidativo pensar o processo de construção do terreiro e a trajetória de um sacerdote em binarismos entre atividade ou passividade.

Existências conjuntas: Escora e egum

Outra relação que reforça a ideia desse modo de existir-com das entidades, se dá entre os escoras e os eguns. Os escoras formam uma categoria de entidades mais leves dentro da quimbanda, sendo que eles não trabalham e nem incorporam durante o período da quaresma e nem no mês de agosto, ficando totalmente afastados e resguardados nesse tempo. Devido à especificidade da leveza dessas entidades, os escoras figuram como um tipo muito próprio de exu, havendo neles uma certa limiaridade. Pássaro Preto considera

⁸ “[O artista] é mobilizado pelo apelo da obra, ela lhe concerne; o vínculo entre eles no processo de criação mostra que é impossível determinar ao certo a direção do fazer e do sofrer. Na descrição de Souriau, há de fato uma ambiguidade e uma oscilação constante entre esses vetores” (p. 114-115).

os escoras como uma categoria de entidades autônomas e diferentes dos exus. Como ele disse em entrevista:

Os escoras já é uma linha mais leve dentro da quimbanda. Igual eu te falei, não tem as sete linhas de umbanda? Escora é uma linha da quimbanda. Então é uma linha mais leve da quimbanda. Não é exu, é escora mesmo. É mais a linha da malandragem, a linha da boemia, que bebe, gosta de cantiga, gosta de samba (Entrevista realizada em 19 de novembro de 2019).

Altamente ligados à boemia, ao samba, à malandragem e à favela, os escoras podem ser definidos como *bon-vivants*, aqueles que sabem aproveitar os prazeres da vida. Alegres, sorridentes, descontraídos, namoradores e também muito elegantes, sempre que chegam no terreiro através da incorporação ajeitam seus cabelos de forma harmoniosa e galanteadora, e logo procuram seus chapéus. Quando são saudados com efervescência ou quando querem elogiar e abençoar o lugar e as pessoas, repetem o seguinte bordão: “ô Favela boa!”. O lugar mítico de origem dos escoras, onde eles habitam e de onde advém suas forças e poderes é da favela.

Os escoras são espíritos exclusivamente masculinos e retratam o Brasil pós-abolição: quando encarnados, viveram em um contexto urbano de morros e favelas, de desemprego, vadiagem e malandragem, desenvolvendo, assim, formas de convivência e sobrevivência em um momento de êxodo rural, formação das grandes capitais e recente industrialização do país⁹. Os escoras, por serem mais leves, etéreos e menos densos, não têm como função primordial derrubar ninguém – ou seja, não fazem “mal” aos outros, função por excelência de exus mais pesados, como aqueles de magia negra. Conforme o nome mesmo já sugere, os escoras apenas encostam, colocam de lado as coisas ruins. O ponto cantado por eles deixa isso bem claro: “enquanto os escora firma, os exu já derrubou”. Dona Rosa me disse que eles são como um anjo de guarda das pessoas, entidades de defesa que escoram o mal, o infortúnio, sustentando e deixando as pessoas de pé. Mais um motivo pelo qual os escoras não incorporam durante a quaresma, tempo

⁹ Em seus pontos, músicas rituais da umbanda e da quimbanda, os escoras narram através do canto suas identidades, o contexto histórico e de vida quando habitaram na terra. Cito aqui dois pontos cantados no terreiro que revelam características dos escoras: “A favela é grande/A vila é pequena/Não importa o tamanho/Os Escora resolve o problema”; “Nasci numa favela pobre/Favela de São Salvador/Enquanto os Escora firma/Os Escora firma/Os Exu já derrubou”.

dedicado exclusivamente à linha de magia negra. Dona Rosa definiu os escoras da seguinte forma:

É porque o escora que a gente trabalha com ele, a gente trata ele como um anjo de guarda, né? A gente trata como um anjo de guarda, que se escora as coisas ruins. Por isso que chama escora. Eu tenho vários, mas eu trabalho mesmo é com o Zé, que foi o primeiro que entrou em mim. Mas eu tenho mais escora. Todo mundo tem (Entrevista, 28 de maio de 2019).

Interessante a observação de dona Rosa, de que os escoras são como os anjos de guarda das pessoas que afastam as coisas ruins, pois o verbo escorar significa exatamente isso: “amparar (alguém ou algo) ou amparar-se, para manter o equilíbrio, para não cair”¹⁰.

O escora de Pássaro Preto se chama Zé da Palha Seca e ele foi uma das entidades com quem mais tive proximidade durante o trabalho de campo. Palha Seca, quando chega no corpo de Pássaro, balança, rodopia o corpo do pai-de-santo e com a mão direita ajeita o cabelo, num discreto e elegante gesto galanteador de quem acabou de chegar no recinto, arrumando suas madeixas como uma forma de encanto. Durante o ano de 2019, muito da movimentação de meus interlocutores foi para a preparação da festa de Palha Seca.

A festa desse escora, chamada por ele de “festigiado”, foi realizada em julho do mesmo ano, havendo três dias de comemorações dedicados à essa entidade: sábado, domingo e segunda-feira. Conforme apontam Cardoso e Head (2015, p. 169), uma das grandes marcas das festas de exu é a imprevisibilidade, e os autores utilizaram do recurso do conceito de “matérias nebulosas” para dar conta dos processos materiais que ocorrem durante esses eventos. Focando especificamente nas coisas que circulam pela festa de exu – entendendo que os significados dessas coisas emergem na própria festa, não havendo um significado enquanto algo fixo dos objetos – Cardoso e Head chamam atenção a esse

¹⁰ Dicionário Google

https://www.google.com/search?q=dicionario+google+portugues&sxsrf=ALiCzsb7r_u9kNxiw9iZQJM-GRT4tDln-g%3A1668871111945&ei=x_N4Y82gOZ_K1sQP8KupsAE&ved=0ahUKEwiNoLauxbr7AhUfpZUCHfBVChYQ4dUDCA8&uact=5&oq=dicionario+google+portugues&gs_lcp=Cgxnd3Mtd2l6LXNlcnAQAziFCAAQgAQyBggAEBYQHjIGCAAQFhAeMgYIABAWEB4yCAgAEBYQHhAPMgYIABAWEB4yBggAEBYQHjIGCAAQFhAeMgYIABAWEB4yBggAEBYQHjoECCMQJzoLCAAQgAQQsQM6EQguEIAEELEDEM6BENEDENQCOgYIABAKEEM6BAgAEEM6BwgAELEDEEM6BAgAEAM6BQgAELEDOggIABCA BBDLAUoECEEYAEoECEYYAFAAWNwnYIopaABwAXgAgAG_AogBvyeSAQgwLjE3LjguMZgB AKABAcABAQ&scient=gws-wiz-serp#dobs=escorar (Acesso em 19 de novembro de 2022).

próprio ambiente, envolto a névoas e fumaças, que inclui a “presença ubíqua da fumaça de cigarros e charutos (...) que logo se mistura com os resíduos da defumação que abriu o espaço e deu início ao ritual”. Dessa forma, há uma “nuvem de fumaça” nas quais estão envoltas as festas de exu, acrescida da penumbra, tão cara a essas entidades.

Conforme apontam Cardoso e Head (2015), a singularidade das festas de exu são as “interrupções mais ou menos imprevisíveis”, e nelas há um ritmo irregular e não apenas uma dimensão organizada do rito. Uma das formas dessa imprevisibilidade é o aparecimento de bêbados, moradores de rua ou desconhecidos na festa: não há como controlar os convidados. Nesse sentido, atuando conjuntamente com o escora, é necessário vigilância e policiamento de outras entidades para a festa de Palha Seca: os eguns.

Pássaro Preto relatou que uma das formas de comunicação entre essas duas entidades – eguns e escoras – ocorre através da vigilância: na festa dos escoras, enquanto estas entidades festejam, os eguns da casa estão “olhando”, “policiando” e “corrigindo” eventuais erros:

T –você alimenta egum?

P –sim, inclusive eu alimentei antes da festa de Palha Seca, não foi?! Pra você ver como tudo se comunica, o escora tá lá pra poder festejar e tem que ter gente pra olhar a casa, pra poder corrigir, pra poder cortar a goela se precisar... (Entrevista Pássaro Preto, 19 de novembro de 2019).

Nesse contexto de festa, então, os escoras se comunicam e estão conectados com os eguns, os quais fazem o que precisar, inclusive “cortar a goela” de alguém, para vigilância do espaço. Assim, para realizar suas festas, os escoras se comunicam com os eguns. No entanto, vale destacar que há uma forma muito específica de se relacionar com os eguns, devido à própria natureza desta entidade: os eguns são almas de pessoas que já morreram e não foram acolhidas em nenhum lugar, não trabalham em nenhuma linha de entidade, ficando elas no breu, vagando pela terra. Esse espírito do morto é então “capturado” e “assentado” na linha de magia negra, com o objetivo de trabalhar para a pessoa que o assentou. Devido à sua condição de estar sem luz, e, portanto, com pouca visibilidade, o egum não distingue suas ações: ele faz o que precisar, ele trabalha para a pessoa que o assentou. Percebe-se que diferentemente das entidades, com as quais se

“trabalha com”, indicando uma parceria, com os eguns não há esse tipo de relação expresso pela preposição “com” e sim há uma relação de subordinação: um egum “trabalha para” a pessoa que o assentou. Portanto, entre meus interlocutores, ninguém “trabalha com egum” e sim “alguém tem um egum que trabalha para ele”. Reproduzo aqui um trecho mais longo da entrevista com Pássaro Preto, pois ela pode dar mais informações sobre o que é um egum entre meus interlocutores e como essa relação entre egum e escora pode ocorrer:

P – a gente não assenta egum como exu, a gente assenta egum. Assentamento de egum é uma coisa e assentamento de exu é outra. Tem assentamento de egum na alta magia¹¹ sim.

T – mas a representação material, não é?

P – é... é uma casa. A representação matéria física?!

T – é. Tem?

P – tem, representação física. Física. Estrutura de alvenaria, tem sim. Isso no quarto lá embaixo, de magia.

T – e ele come, também? é alimentado?

P – Bastante. Porque ele também trabalha

(...)

T – e tem só um egum ou é mais?

P – mais de um

T – e não tem isso que só pode ter um [egum] na casa?

P – não, não. Mais de um...(...) Egum é o assentamento dentro da alta magia, na magia negra assentamento de egum, pra egum trabalhar naquela linha de magia negra. Pra fazer o que você quiser. Você dá comida egum pra ele fazer as coisas que você precisa também. Ai você vai vendo de acordo como que é, como que aquele egum, como que foi aquele egum, quem ele é, pra poder trabalhar

T – e quem afinal é egum?

P – egum é a pessoa que morreu, uma pessoa que morreu, ai você pegou aquela energia pra poder assentar na sua casa pra poder trabalhar pra você. Egum ele não consegue evoluir espiritualmente, por quê? Porque você tá com ele preso ali. Ele não consegue, vamos supor, passou por certo tempo, ele pode vim como exu, não. Ele tá assentado lá

T – e o egum come também é cru?

P – egum come coisa diferenciada.

(...)

T –você alimenta egum?

P –sim, inclusive eu alimentei antes da festa de Palha Seca, não foi?! Pra você vê como tudo se comunica, o escora tá lá pra poder festejar e tem que ter gente pra olhar a casa, pra poder corrigir, pra poder cortar a guela se precisar... (Entrevista com Pássaro Preto, 19 de novembro de 2019).

Dessa forma, para que o escora tenha sua existência plena e consiga festejar, são necessários os eguns, para tomarem conta do ambiente. Assim, escoras e eguns se

¹¹ Pássaro Preto e dona Rosa utilizam como sinônimos de linha de magia negra o termo “alta magia” e também “vodum”. Portanto, são todos sinônimos.

comunicam e têm suas trajetórias entrelaçadas; um modo de ser envolve “ser-como-outro” e não somente “ser-como-ser”.

Considerações finais: os limites das existências conjuntas

Eu toco umbanda e quimbanda, porque eu aprendi assim, Chico Preto tocou assim, mãe Rosa tocava assim, e me preparou nessas três linhas, que a gente fala linhas mas é alta magia e na umbanda, e eu continuo tocando assim e não posso mudar. Elemento de cor, elemento de estrutura física pra você poder fazer um assentamento de exu, elemento de tudo, entendeu? Então tudo você tem que seguir pra poder dar continuidade, pras coisas dar certo, e ser uma coisa correta. Se você segue na sua casa, sua mãe foi feita, ela segue aquilo que a mãe dela ensinou... o que não tá dando certo mais é o povo deixar o que aprendeu e começar a inovar com coisa nova, porque vai na casa de fulano, acha bonito, acha aquele prato bonito, cheio de coisa e quer botar. Ai aquela energia não dá certo com aquela outra, porque você não aprendeu aquilo. Eu não cultuo energia que eu não sei, eu cultuo energia que eu sei mexer. Eu estudo, pesquiso um pouco de tudo, porque eu tenho vários amigos de todas as religiões, não só na parte espiritualista, mas também na parte Hindu, Budismo. Eu pesquiso um pouco, sou curioso, mas eu não vou colocar na minha casa uma energia de Buda que eu não sei mexer, que eu não sou louco, porque aquilo vai dar conflito com a minha energia, com a minha essência que eu já trago há muitos anos (Entrevista com Pássaro Preto, 19 de novembro de 2019).

Bruno Latour (2019) aponta que, do ponto de vista da teoria do ator-rede, é possível captar uma multiplicidade de associações a partir da descrição das redes de associação, tão longe quanto for possível; porém, cada modo de existência tem sua tonalidade peculiar, um tipo próprio de veridicção, chamada por ele de condições de felicidade. O que implica que, por mais que as associações sejam múltiplas, cada modo de existência tem seu modo de verificação, pois cada um se realiza, tem trajetórias e princípios diferentes. Isso se relaciona com responsabilidade e risco do processo instaurativo, que envolve julgar a construção, mas julgá-la em seus próprios termos. Conforme as palavras do autor: “para compreender o sentido da *proposição que nos é feita*, devemos ter resolvido a questão inicial de sua chave de interpretação, a maneira pela qual devemos *ouvir, traduzir e transcrever o que seguirá*” (LATOUR, 2019: 59). Assim, condições de felicidade tratam as condições de existência em seus próprios termos e domínios.

Pássaro Preto, no trecho da entrevista citado acima, relata sobre a importância de se conhecer o que se faz e de reconhecer os limites das existências conjuntas. O pai-de-santo assume a possibilidade de desenvolver uma rede de associação que envolva outros

elementos e entidades, como por exemplo, Buda. Porém, ele ressalta que a qualidade desse tipo de conexão é questionável: “não seria uma coisa correta”, conforme as palavras de Pássaro. Assentar Buda em seu terreiro não atingiria as condições de felicidade da sua religião, seria um vínculo malsucedido, uma vez que a “energia não dá certo com aquela outra”. Ademais, é enfatizado pelo pai-de-santo o fato de ele não conhecer essa energia e não saber operá-las. No contexto de meus interlocutores, essencial para seu modo de verificação é “saber mexer”, principalmente um conhecimento e sabedoria advindos da convivência, da “tradição” e da participação com os mais velhos e com a família-de-santo. Conforme disse Pássaro Preto, nas religiões afro-brasileiras, os vínculos malsucedidos ocorrem porque “o povo deixa o que aprendeu e começa a inovar com coisa nova, porque vai na casa de fulano, acha bonito, acha aquele prato bonito, cheio de coisa e quer botar”.

Assim, percebe-se que, não obstante a tendência da quimbanda e da umbanda, bem como de suas entidades, de construírem existências conjuntas que agregam o outro – quer seja pelo cruzamento, pelo acolhimento, pela parceria, subordinação ou pelo conflito – esses modos de existência conjunta têm limites. Quando perguntei a dona Rosa sobre a relação entre a umbanda e a quimbanda, ela apontou que essas duas práticas também possuem um modo de existir junto: a umbanda é “coligada” com a quimbanda e vice-versa. Para ilustrar essa relação conjunta, Pássaro Preto se define como um “umbandista quimbandeiro”. Como disse dona Rosa, elas são “parceiras”:

T- Dona Rosa, a Umbanda ela precisa da Quimbanda?

R- são uma parceria. São uma balança, porque quando a quimbanda guerreia, a umbanda tem que ficar na balança, porque quando um abaixa, o outro segura. Então são duas parcerias.

T- e a Magia negra também tá no meio né?

R- com certeza, tudo equilibrado. Tudo tem que ter a norma, o equilíbrio e saber mexer (Entrevista em 21 de novembro de 2021).

Mais uma vez, tal qual a fala de Pássaro Preto, dona Rosa também alertou sobre os limites da relação entre umbanda e quimbanda, afirmando que é “tudo equilibrado. Tudo tem que ter a norma, o equilíbrio e saber mexer”. Assim, para cruzar e descruzar entidades, abrigar um orixá na casa do boiadeiro, fazer uma visita ao inferno, agradar Iemanjá, fazer um egum trabalhar na festa do escora, tudo isso precisa de equilíbrio, de conhecimento e de saber fazer. E isso envolve estar atento às próprias condições de felicidade e formas de verificação específicas dessas práticas religiosas, as quais passam

pela noção de “saber mexer”, ou seja, aprendizado, tradição, conhecimento, capacidades e sabedoria adquiridos através da convivência e participação com os mais velhos e com as entidades.

Referências Bibliográficas

BARBOSA NETO, Edgar. A Máquina do Mundo: variações sobre o politeísmo em coletivos afrobrasileiros. Teses de doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2012.

CARDOSO, Vânia e HEAD, Scott. Matérias nebulosas: coisas que acontecem em uma festa de exu. Dossiê Materialidades do Sagrado. Relig. Soc. 35 (1), Jun 2015.

LATOUR, Bruno. Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos. Petrópolis, Vozes, 2019.

SHELDON, Ana. Caboclos em movimentos: danças de caboclos no candomblé em Salvador. Debates do NER (UFRGS), v. 2, p. 243-279, 2020.

SOUZA, Iara; RABELO, Miriam. Agência: para além da oposição entre atividade e passividade. In: Jean Segata; Theophilos Rifiotis. (Org.). Políticas etnográficas no campo da ciência e das tecnologias da vida. 1ed. Porto Alegre: ABA Publicações, 2018

SOURIAU, Etienne. The Different Modes of Existence. Minneapolis:Univocal Publishing, 2015.

STENGERS, I.; LATOUR, B. The Sphinx of the work. IN: SOURIAU, E. The Different Modes of Existence. Minneapolis:Univocal Publishing, 2015.